

Vol. I Tomo 2

Dezembro, 1955

REVISTA BRASILEIRA
DE
FILOLOGIA

SEPARATA

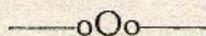
ISMAEL DE LIMA COUTINHO
RECENSÕES CRÍTICAS

LIVRARIA ACADÊMICA
RIO DE JANEIRO

Em suma: não faltam observações inteligentes e cheias de interêsse na monografia de Mary Gotaas e por isso lhe devem estar gratos quantos se ocupam de História Literária, nomeadamente História de estilos literários; o objetivo, porém, não foi bem estabelecido, e na execução do plano há vários aspectos que rever e corrigir.

JACINTO DO PRADO COELHO

(Lisboa)



ANGELO MONTEVERDI — *Manuale di avviamento agli studi romanzi: Le lingue romanze*, casa ed. Francesco Vallardi, Milano, 1952, in 8.º, 256 ps.

Trata-se de um excelente manual, que visa a pôr o estudante em contacto com os principais problemas da filologia românica, vasado numa linguagem simples, clara, precisa, e que, por isso, poderá ser lido, mesmo fora da Itália, pelos estudiosos de outras nações latinas, a quem o italiano não seja muito familiar.

Para o aluno das universidades italianas principalmente, êle preenche uma sensível lacuna, uma vez que o compêndio de Savj-Lopez (*Le origini neolatine*) já se acha um tanto envelhecido e a obra de Carlo Tagliavini (*Le origini delle lingue neolatine*) se destina, pela sua riqueza de informações e maior desenvolvimento, a outra classe de leitores.

O plano do *Manuale* compreende dois volumes. No primeiro, que é objeto desta recensão, trata o autor das línguas românicas (*Le lingue romanze*); em outro, que nos promete, focalizará a literatura dessas mesmas línguas (*Le letterature romanze*). O presente volume consta de duas partes: 1.ª *Origini, vicende e caratteri delle lingue romanze* (p. 3-120); 2.ª *I più antichi monumenti delle lingue romanze* (p. 123-198).

Após um breve capítulo sôbre *La nascita delle lingue romanze*, entra o autor a falar na história do latim. O que êle diz sôbre essa língua, e principlamente sôbre o latim vulgar, deve ser lido e meditado por todos os que se interessam por estudos românicos. É um modêlo perfeito de síntese. Acha-se aí condensado, em poucas páginas, tudo o que de mais recente e melhor se poderia escrever acêrca do assunto.

No capítulo sôbre o "latim cristão", mantém S. Ex. aquela necessária prudência que se exige dos mestres encarregados de orientar a juventude por caminhos seguros. Reconhecendo embora que êle deu "una nuova impronta al latino parlato (e nello stesso tempo anche al latino scritto)", não vai ao extremo de proclamá-lo uma língua à parte, como o fazem Schrijnen e sua discipula Mohrmann: "Che si possa parlare di latino cristiano come di una lingua a sé, secondo quanto da alcuni, sia pur dottamente, si sostiene, non é certo ammissibile". (p. 27).

Na questão do *s* final, esposa a opinião de Wartburg, enfileirando-se entre os que explicam a sua manutenção ou perda como uma decorrência da camada social, culta ou baixa, que desempenhou função predominante na latinização do território conquistado: "Queste diversità si spiegherebbero perchê, per esempio, l'-s finale si sia mantenuto nella Gallia e nell'Iberia, latinizzate per dir così dall'-alto e si sia perduto nella maggior parte dell'Italia e nella Dacia, latinizzate dal basso." (p. 25).

O problema da colonização da Dácia merece-lhe também a atenção. Entre a hipótese da "continuidade", defendida por uns, e a da "migração", sustentada por

outros, inclina-se para uma solução intermediária "segundo a qual os atuais Daco-romeni seriam descendentes, parte dos antigos colonos da Dacia que não seguiram a retirada das legiões e se agruparam talvez sobretudo nos montes da Transilvânia, parte dos que emigraram, além dos outros Romanos da Mesia e da Ilíria, os quais depois sob a pressão dos Slavs passaram (ou repassaram) o Danúbio e contribuíram para a ocupação (ou a reocupação) de toda a atual Rumania." (p. 54-55).

Aliás, seja dito de passagem, essa questão histórica pode apresentar interesse para o filólogo nativo; para o estrangeiro, menos importância tem. O que não é possível hoje é negar ao rumeno a sua qualidade de língua neolatina. Assim, pouco importa que ele seja a transformação do latim para aí levado pelos legionários de Trajano, ou que se haja formado ao sul do Danúbio e depois tenha sido transportado para a Romênia, como sustentam Sulzer e Engel. Para o romanista, esse debate se situa em plano secundário. É o que reconhece o próprio Densusianu; "Cette question n'avait au fond rien à faire avec celle de la latinité du roumain, puisqu'on pouvait très facilement mettre en évidence le caractère latin de la langue roumaine même dans le cas où l'on admettait qu'elle était sortie du parler des Romains qui avaient colonisé le sud du Danube." (*Histoire de la langue roumaine*, t. I, Paris, 1901. Introduction, p. XVII).

Outro ponto importante, que não se esqueceu de ventilar o prof. Monteverdi, é o da existência atual de populações gregas em alguns pontos da Itália, notadamente em parte da Calábria e da Apúlia. Serão esses gregos remanescentes dos antigos helênicos, que habitaram a Magna Grécia, como quer Rohlfs, ou representantes dos colonos bizantinos, que aí se fixaram posteriormente, como sustenta entre outros Morosi? Ainda aqui se revela o nosso autor muito cauteloso. Considera a opinião do lingüista teuto, se não como certa, pelo menos como bastante provável: "la tesi della continuità greca, dall'antichità sino ad oggi (o sino a ieri), in dati territori della Puglia e della Calabria (fors'anche della Sicilia) sembra, nonostante l'autorevole opposizione di alcuni dotti, se non certa, almeno assai probabile." (p. 73).

Não obstante reportar-se ao português de quando em quando, menos vezes, é certo, que a outras línguas românicas, como o francês, o espanhol e o provençal, sem falar no italiano, sua língua de origem, que é mais freqüentemente invocado, o que se justifica, tenho a impressão de que o ilustrado mestre da Universidade de Roma não domina bem o nosso idioma. Direi a razão por que assim penso. Ao falar em palavras árabes que se implantaram na região aquém-pirenaica, apesar de reconhecer que muitas delas são comuns ao espanhol e ao português, quase sempre as cita na forma castelhana. É o caso, por exemplo, de *arrabal*, *ojalá*, *alguacil*, *almacén*, etc. (p. 69-70). Outras vezes acontece-lhe dar, como espanholas, palavras que pertencem ao patrimônio comum de Portugal e Espanha, como *caldo*, *frio*, *verde*, etc. (p. 41). Também denuncia o seu deficiente conhecimento do português o que diz sobre o grupo consonantal *fl*-: "Il nesso *fl*- nella voce lat. *florem* rimane intatto, come si è visto, sia in spagnolo sia in portoghese (*flor*), ma nella voce *flamma*, comme in tante e tante altre voci si palatalizza (sp. *llama*, port. *chama*)." (p. 47).

Ora, quem quer conheça suficientemente a nossa língua sabe que os dois fatos não são coevos. Com efeito, *chama* e *flor* não pertencem à mesma época nem à

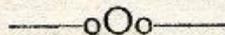
mesma camada social. A primeira é palavra antiga na língua; a segunda é relativamente nova. Aquela é popular; esta é culta ou erudita. A forma popular de *flor* é *chor* (arc.) e está atestada no provérbio: "No tempo da *chor* é cortar e pôr". (Ver *Rev. Lusitana*, vol. III, p. 327). José Joaquim Nunes, que cita o provérbio, assim explica o fato: "A transformação dos grupos *pl-*, *cl-*, *fl-* em *ch* é a mais antiga e portanto a genuinamente popular; mais tarde por via culta entraram na língua os mesmos grupos, com a mudança apenas do *-l-* em *-r-*; por essa época muitos vocábulos começaram a aparecer que suplantaram os antigos, mas não por completo, pois que alguns continuaram e continuam a subsistir." (*Gramática Histórica Portuguesa*, 2.^a ed., Lisboa, 1930, p. 98). (*)

Valorizam grandemente o *Manuale* do prof. Monteverdi os textos que aduziu, na segunda parte, e que são os mais antigos documentos das línguas neolatinas, acompanhados da respectiva tradução e de comentários das formas mais características de cada uma delas. Relativamente ao português, transcreve três documentos, dois em prosa e um em verso — êste, a cantiga de D. Sancho I, dedicada a D. Maria Pais, mais conhecida por Ribeirinha. Não sei por que motivo preferiu S. Ex. ficar com a opinião de S. Pellegrini contra a de D. Carolina Michaëlis, que atribui a sua autoria ao antigo monarca português da dinastia afonsina (p. 192).

Não quero terminar sem uma referência à bibliografia com que o autor remata os capítulos e que tão útil se torna para o aluno. Haverá nela falhas — algumas lhe poderia desde já apontar — mas, é força reconhecer que, dado o caráter sumário da obra e a classe despreziosa de público a que se destina, qualquer crítica que se lhe possa fazer, neste ponto, será improcedente. Os principais autores sobre cada assunto estão aí indicados, com a menção da obra, época e local da edição. Abro aqui, entretanto, um pequeno parêntese para dizer que não é só espanhol que conta com a tradução do *Einführung* de Meyer-Lübke. Para o português foi ele também traduzido, desde 1910, pelo prof. Antônio da Guerra Júdice, do Liceu de Faro (Portugal), embora essa tradução não seja muito recomendável.

Em suma, o *Manuale di avviamento agli studi romanzi* do prof. Angelo Monteverdi é obra cujo manuseio se impõe, e que deve figurar na estante de todos os que se dedicam ao estudo da filologia românica.

ISMAEL COUTINHO



AIDA COSTA — Elementos populares em Catulo — São Paulo, 1952.

Para se avaliar o benefício que à nossa cultura trouxeram as Faculdades de Filosofia basta a menção de um trabalho como êste, elaborado pela Srta. Aida Costa, licenciada em letras clássicas pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

(*) E um pouco abaixo continua: "À classe das que desapareceram pertencem, entre outras, *chantar*, *chanto* e *chor*, que foram substituídas por *prantar* (ainda vivo no povo, mas que por sua vez teve de ceder ao culto *plantar*), *pranto* e *flor*". (Idem, *ibidem*).

Tal trabalho foi laureado em 1952 pela Academia Brasileira de Letras com o prêmio "João Ribeiro."

Catulo, como bem caracteriza a autora, representa do ponto de vista lingüístico uma curiosa contradição. Homem de província, aclimatado na *Urbs*, mostra-se dono de um vocabulário vulgar que às vêzes desce à grosseria e ao mesmo tempo faz uso da linguagem requintada que se falava na classe dos patrícios.

Dêste modo, enquanto nos epigramas há vocabulário e processos de expressão nitidamente populares, deparam-se nas poesias de imitação grega elementos de apurada cultura helenística, pelo seu conteúdo mitológico, pela sua forma rítmica, que chega a ser torturada, por vêzes, em sua pureza sintática. O trabalho se divide em quatro partes: a palavra, a frase, os sons e conclusão.

A primeira parte, a palavra, se subdivide em: a braquilogia, estrutura da palavra, sentido e valor da palavra e qualidade da palavra.

Na braquilogia, a autora salienta a conexão com o conteúdo semântico que o volume da palavra costuma apresentar, do ponto de vista da expressividade. A braquilogia é um índice de pressa ou de emoção.

Não faltam em Catulo elipses, síncope do *u* intervocálico nas formas de *perfectum*, redução de duas palavras a uma só expressão, do tipo *sodes* por *si audes*, *sis* por *si vis*, tão comuns em Plauto.

É verdade que as sínopes indicadas, assim como as haplologias em formas verbais perfectivas, se encontra em escritores clássicos, Cícero por exemplo, mas êste fato não infirma o caráter popular do fenômeno. Tão somente prova que até os escritores mais puristas se deixam levar pelas inovações da língua falada tirando dela partido para fins estilísticos.

Tratando da estrutura da palavra, estuda as desinências flexionais, a prefixação e a sufixação.

Nas desinências flexionais cita as finais reduzidas do perfeito, o genitivo *uni* em vez de *unius*, a forma plena da segunda pessoa no singular do imperativo de *facere*.

Na prefixação, depois de salientar que o jôgo dos prefixos é recurso de expressividade que intensifica o significado e aumenta o volume da palavra, ocupa-se com o prefixo *in-* negativo, com os prefixos *dis-* (tão produtivo na Romania), *de-*, *per-*, *re-*.

Não vê neste abuso de prefixos pelo poeta um recurso estilístico mas sim pura manifestação da língua popular, da língua falada pela plebe.

Nesta parte houve um pequeno lapso. Citando dois casos de prefixação na *Peregrinatio*, *persubire* e *collaudare*, a autora diz derivação sufixal em vez de prefixal. Na sufixação, nota que Catulo é mais parcimonioso neste processo de formação do que na prefixação. Poucas vêzes aparece o sufixo freqüentativo *-tare*. Já aparece a construção do ablativo *mente* com um adjetivo, preludiando, na expressão feliz da autora, o advérbio de modo terminado em *-mente*, tão encontradiço nas línguas românicas.